

Pesquisa facilita cura de lesão em equinos de competição.

Tratamento baseado na regeneração celular conquista criadores de cavalos e encurta o caminho da reabilitação dos animais



São João do Juncal Pandemônio brilhou na Expointer de 2007 e de 2008, em Esteio. **Crédito:** José Guilherme Martini / divulgação / cp.

O cavalo crioulo São João do Juncal Pandemônio é um esportista nato. Desde 2002, quando nasceu em Ponta Grossa (PR), foi criado para vencer. Hoje, com seus 8 anos e 500 quilos, acumula diversos títulos importantes, dentre os quais o de bigrãnde campeão da Expointer (2007 e 2008). Neste ano, o cavalo de pelagem rosilha se preparava para disputar o Bocal de Ouro, competição que credita os exemplares da raça a participar do Freio de Ouro. Mas o treinamento diário de três horas diárias foi interrompido em abril. Pandemônio teve uma lesão no tendão da pata traseira direita, que atingiu 40% do tecido, impedindo-o de competir. Mas, felizmente, a interrupção será temporária. O proprietário do animal, Aldo Vendramin, decidiu submetê-lo ao tratamento com células-tronco.

Pandemônio foi tratado no Rio Grande do Sul, na Sociedade Hípica. A decisão de utilizar a tecnologia foi tomada por Aldo Vendramin e o veterinário da Estância Vendramin, Rolando Pérez. "O investimento que fizemos neste tratamento torna-se até barato se comparado aos seus resultados", analisa Vendramin. Afinal, um cavalo como esse chega a valer no mercado em torno de R\$ 1 milhão, enquanto o custo de cada aplicação de células-tronco está, em média, R\$ 3 mil.

A regeneração do tecido lesado em Pandemônio está sendo possível graças à retirada do seu próprio material celular, que foi reintroduzido no local danificado, forçando o organismo a regenerar a lesão com um tecido semelhante ao original. "Ele passou duas semanas em repouso, mais 15 dias em fisioterapia hospitalar, com exercícios em esteira", conta Rolando Pérez. Nos próximos quatro meses, a estrutura do tendão do cavalo deverá amadurecer, mas Pérez afirma não ter pressa para colocá-lo novamente em competições. Sua previsão é de devolvê-lo às pistas no ano que vem. "Agora, ele está em um período de manutenção. Faz caminhadas de duas horas diárias e só não fica livre para não cometer excessos", explica Vendramin.

Pandemônio é apenas um exemplo que prova que este tipo de tratamento no Brasil está conquistando criadores. Além de servir para equinos de pista, também é benéfico aos animais que se prestam ao hipismo e ao turfe. O rompimento dos tendões é o principal motivo da procura, já que é uma ameaça ao desempenho em competições e ao futuro dos equinos. As lesões em menisco, tendíneas e ligamentares, osteoartrites, osteocondroses, fraturas e fissuras são as que apresentam maior incidência. "Este é um processo em franca evolução. Estatisticamente, ainda é

cedo para dizermos que é o mais utilizado, mas é bastante procurado, ainda mais porque existem cavalos que só não moram com os proprietários porque não entram no elevador", ironiza o diretor veterinário do Clube Hípico Santo Amaro, em São Paulo, Thomas Wolff.

O número de doses de células-tronco necessárias para atingir a cura varia de acordo com a severidade da lesão e o porte do animal. Em alguns casos, uma única aplicação é suficiente, como no caso de Pandemônio. Se tivesse realizado terapias tradicionais, provavelmente, não conseguiria recuperar a função original do tendão. Conforme o proprietário da Clínica Hípica, Jarbas Castro Júnior, esses tratamentos (que incluem repouso, implantes de tecidos artificiais e termo-cauterizações), limitam-se a minimizar o processo inflamatório e a dor. "Isso provoca a formação de cicatrizes, com a perda da função e a não regeneração tecidual, resultando, frequentemente, na reincidência da lesão", explica. Nos ferimentos tendíneos, por exemplo, para os quais a cicatriz é constituída de fibras menos organizadas e com menor concentração de colágeno, o tendão torna-se suscetível a rupturas, ainda mais graves do que a primeira. "Se não usarmos as células-tronco, a área lesada será substituída por um tecido fibroso, que não terá a mesma função e desempenho do tecido original", elucida Castro Júnior. Se aplicadas as células-tronco, o ferimento começa a receber uma recomposição do tecido original, evitando a temida cicatriz. Na sua opinião, este é justamente o trunfo da tecnologia.

A Clínica Hípica de Porto Alegre é procurada por criadores do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná, do Uruguai e do Chile. Realizando o procedimento há oito anos, já tratou mais de 30 equinos. Segundo Castro Júnior, 90% dos casos obtiveram sucesso. Ao contrário da prática em seres humanos, o uso desta terapia em animais não esbarra em questões éticas porque as células-tronco não são extraídas de embriões ou de cordões umbilicais.

Células-tronco

São capazes de se multiplicar mediante estímulos, dando origem a diversos tipos celulares. Quando reintroduzidas no organismo, adquirem função de qualquer tecido, resultando em sua regeneração.

publicado em 25/07/2010 - Fonte: **Correio do Povo, Caderno Rural > Capa - ANO 115 Nº 298 - PORTO ALEGRE**